



O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ALEXANDRE ROSADO ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

NÃO querem que digamos bem de nada! Já estamos arrependidos daquele elogio, que aqui fizemos em 10 do mês passado, acerca da reparação que se estava fazendo na Rua Augusto Gomes Ferreira. Pois aqueles marotos abalaram, deixando os trabalhos por concluir; calcetamento só até meio da rua (apesar dela ser bem curta) passeios dum lado sim, do outro não; pedra, areia e entulho espalhado; o diabo a quatro. Nem ao menos tiveram consideração por lá estar situada a esquadra policial, e nós lá passarmos bastas vezes!

Pouca vergonha!

NA paroquial igreja dos Jeronimos, realizou-se no passado dia 15 do corrente o enlace matrimonial do nosso prezado amigo Sr. Humberto Júlio Gaspar Franco, com a Sr.ª D. Ivone Soares, que revestiu grande brilhantismo. Ao copo de água, servido em casa da noiva, assistiu grande número de convidados. Na *corbeille*, viam-se preciosíssimas prendas.

Aos noivos, desejamos as maiores felicidades.

SABEMOS que a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Ajuda, está empenhada na criação de um mercado, que é uma das velhas aspirações do povo da Ajuda.

No próximo número nos referiremos mais circunstanciadamente a este momentoso assunto.

TENDO obtido uma classificação muito honrosa, fez exame do 6.º ano de piano, a Sr.ª D. Edite Costa, inteligente filha do nosso velho amigo Sr. Felicissimo Costa, a quem por esse motivo, abraçamos.

Também obteve uma classificação digna de louvor, no exame do 2.º ano dos liceus, o menino Carlos José Gaspar Teixeira, filho do Sr. Carlos Teixeira e sobrinho dos nossos queridos amigos tenente Júlio Gaspar e Luiz Teixeira, a quem muito felicitamos.

AGUA! AGUA!

Não gostamos de reclamar, no verão, contra a falta de água, que há muitos anos se nota na nossa freguesia, para não enfileirarmos no número daqueles que só se lembram de Santa Barbara quando troveja, e se o fazemos agora é por sabermos que se pensa em alegrar as nascentes.

Concordamos plenamente com isso, não só por ser de boa hygiene, como porque os cascões que as sobrepõem, impedem a saída da água, como tivemos ocasião de verificar o ano passado, quando por permissão do encarregado das minas do Estado, o bom Vitorino, falecido pouco depois, fizemos uma visita às ditas minas, e às que estão a cargo da Camara Municipal.

Por isso, e pelo que temos ouvido, a quem sabe mais do que nós, podemos afirmar que o aumento que daí possa advir, não resolve a falta que existe.

O que poderia resolver esse problema era a construção de contra minas, que captassem novas nascentes, ou uns poços artesianos feitos ao longo da Serra de Monsanto que é abundante de água, como se prova pela facilidade com que a obtêm os que têm feito poços no Caramão e Casalinho.

Mas nunca se fez isso, embora já o tivessem suggestionado. Ainda *ninguém* pensou a sério em abastecer a freguesia da Ajuda, da água suficiente para o seu consumo, ou ao menos, para evitar que tome grandes proporções algum sinistro que se possa dar dum momento para o outro.

Basta dizer que a água que abastece a parte alta da nossa freguesia, é a mesma quantidade, senão menos, do que a que captaram os nossos antepassados para uma população reduzidissima, como era no seculo XVIII.

As entidades administrativas têm se limitado a mandar fazer umas caiações exteriores nas claraboias, e a colocar as tais fatidicas taboetas, em que se diz que a água das nascentes da Ajuda é imprópria para consumo, sem que todavia nos tenham fornecido outra; a Companhia das Aguas, não se importa, porque não lhe convém elevar a água cá para cima, e não a têm obrigado a isso porque tem sabido fazer os seus contratos de forma que lhe concedem muitos direitos e poucos deveres, como muito bem o tem esclarecido nas colunas deste quinzenário o seu ilustre colaborador, Ex.º Sr. Coronel Bivar de Sousa; e os habitantes, esses sofrem as consequências da sua inação, porque descaram demais os interesses da comunidade. Pois é necessário sacrificar um bocadinho as suas comodidades, e empregar algum tempo a pugnar pelas regalias a que todos temos incontável direito, e está em primeiro logar o fornecimento da água, elemento indispensável á vida, como todos sabeis.

Se as soluções que vos apresentamos não derem resultado, e se não estais dispostos a esperar pelo cumprimento da segunda fase do actual contracto com a Companhia das Aguas, que deve ser daqui a 4 anos, mas que também pode ser daqui a 40 (se se cumprir como o anterior), pedi que se

(Conclúe na página 6)

JÁ depois de composto o artigo que publicamos sobre a falta de água, lemos na imprensa diária a noticia do horroroso incendio da Rua da Alegria, que teve tão tristes consequências, apesar de se ter dado no centro da cidade, onde a falta do preciso liquido não é tão notoria.

Ponham neste caso os olhos os habitantes da Ajuda, e vejam se tem ou não necessidade de reclamar.

INICIAM-SE hoje as festas comemorativas do 6.º aniversário do Grupo n.º 10, dos Adueros de Portugal, que terão lugar na sua sede, Calçada da Ajuda, 238. As comemorações, prosseguem amanhã e depois.

Muito agradecemos o captivante convite que recebemos da sua Ex.ª Direcção, para nos fazermos representar nas solenidades de tam simpática como útil colectividade.

CONCLUIU há dias o exame do 5.º ano do curso geral dos liceus, o menino Fernando Artur Moreira Ferreira, que obteve uma das melhores classificações. Apenas contando 14 anos de idade, é considerado pelos seus professores, como um dos melhores alunos, tendo os seus exames sido autorizados por portarias e pagamentos de propinas especiais, visto não ter a idade legal. Este inteligente pequeno, representa um exemplo, infelizmente pouco vulgar na mocidade escolar. Vai iniciar no próximo ano lectivo o 6.º ano do curso complementar de letras.

Convém frizar que este aluno nunca necessitou de explicadores, o que é importantissimo.

A seu pai, o nosso prezado amigo sr. Artur Ferreira, bem como a sua Ex.ª esposa, D. Palmira Ferreira, apresentamos as nossas felicitações.

CONTINUAMOS a lutar com uma grande falta de espaço, motivo pelo que somos forçados a reter vário original, de entre êle, um artigo do nosso prezado colaborador, Ex.º Sr. Coronel Bivar de Sousa, que será publicado no próximo número.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Jardim Botânico da Ajuda

«O Comércio da Ajuda», seguindo á risca a rotina delineada pelos seus fundadores, tem focado brilhantemente todos os problemas de transcendental importância para a freguesia que lhe deu o nome e, consequentemente, para os seus moradores.

E para que a obra, a que *voluntária e gratuitamente* se devotou, possa realizar-se com aquela perfeição que todos ambicionam, «O Comércio da Ajuda» abriu as suas portas de par em par áqueles que, identificados com o seu programa, queiram bater-se pela mesma causa.

Nesta ordem de ideias, uma pleiade de amigos sinceros do progresso da Ajuda têm emprestado ao pequeno jornal uma colaboração, por tal forma valiosa que, com ela se sentiriam honrados os maiores colossos da imprensa portuguesa.

No intuito de bem cumprir a sua missão, «O Comércio da Ajuda» lançou a ideia de ser franqueado ao público o Jardim Botânico que, sistematicamente tem conservado as suas portas fechadas, privando os habitantes desta freguesia dum recreio verdadeiramente aprazível.

Para reforçar a luta empenhada em prol da abertura ao público do Jardim Botânico, «O Comércio da Ajuda» resolveu, e muito bem, recolher o maior número possível de assinaturas de individuos concordantes com tal empreendimento, para o que distribuiu várias listas pelos estabelecimentos comerciais, resolução que obteve um acolhimento lisongeiro, como era natural.

Quando tudo indicava que as coisas se encaminavam sem levantar o menor atrito, eis que salta á estacada o Sr. Dr. Perry Vidal, combatendo á outrance a iniciativa do jornal do nosso burgo.

Aos argumentos deduzidos por Sua Ex.^a, tendentes a justificar a sua posição no assunto, respondeu já o Sr.

Carlos de Sousa, em artigo que mereceu as mais lisongeiros referências. E nós, não viriamos intervir no caso, se não tivéssemos verificado que ao Sr. Carlos de Sousa havia escapado um argumento, que reputámos de grande importância, a contrapor aos do autor «Pelo Bem da Ajuda!»

O Sr. Dr. Perry Vidal discorda em absoluto do movimento iniciado em prol da abertura do Jardim Botânico da Ajuda, por ser *altamente prejudicial à cultura nacional e à saúde pública, etc. etc.* Francamente, não compreendemos como se pretende argumentar assim, quando é do domínio público que em Lisboa existe um outro Jardim Botânico, em nada inferior ao da Ajuda, o anexo á Faculdade de Ciências, conhecido ainda por Jardim da Escola Politécnica.

Este jardim que desempenha funções identicas ao da Ajuda, está patente ao público das 8 ás 17 horas, durante a semana; e das 8 ás 20 horas, aos domingos, não nos constando até hoje, que a *cultura nacional* ou a *saúde pública* tenham sofrido o mais leve prejuizo.

Se efectivamente a abertura ao público do Jardim Botânico da Ajuda constitui prejuizo para quem ali vai receber instrução, nós perguntamos se ninguém, absolutamente ninguém, o utiliza para passeios quotidianos?

Terminamos estas nossas considerações, pedindo desculpa aos leitores deste jornal pelo tempo que lhe vamos tomar, muito melhor empregado em coisas mais úteis e, prometemos não vir saturá-los novamente com os nossos escritos a quem faltam os mais rudimentares *conhecimentos gramaticais*. Todavia, ficariamos de mal com a nossa consciencia se, por esta forma, não viessemos trazer a nossa inteira solidariedade a quem está empenhado em conseguir um pouco mais de conforto para os paroquianos da Ajuda.

Agostinho António.

DE RELANCE...

Por não terem melhor local para passar as suas horas de ocio, os habitantes da nossa freguesia vão passá-las para aquele lindo miradouro, que é a alamêda das Pinheiros. Apesar de não ter comodidades nenhuma junta-se ali muita gente nestas tardes calmosas, porque se disfruta um lindo panorama que abrange uma grande parte da cidade, os montes da Outra Banda, e o Tejo com as suas embarcações, subindo e descendo.

No domingo p. p., vimos ali mais duma centena de pessoas adultas recreando-se, afóra inúmeras creanças rindo e brincando.

As condições higienicas que já não eram boas, é que estão agora agravadas, com o cheiro pestilencial que exála um cano de esgôto, ou o quer que é, que ali existe, e que, para maior vergonha nossa, é pertença do Estado.

Sim senhor, é do Palacio Nacional da Ajuda! Parece mentira, mas é verdade; e há muitos dias que se nota aquela peste, sem que se dêm providências. Será desta? Oxalá que sim!

Continúa por remover aquela misera barraca, que está em cima do passeio do Largo do Rio Sêco, servindo de bilheteira do lavadouro municipal. E ainda não foi modificado aquele indecente mictório da Rua dos Quarteis.

Com vista á Comissão de Melhoramentos, já que o nosso apêlo não foi ouvido nem as boas vontades da Junta da Freguesia.

Fresina.

Grémio Esperantista Popular

Encontra-se em organização na Ajuda, um grapo de Esperanto, intitulado «Grémio Esperantista Popular».

Recomendamos a todos os leitores simpaticizantes da lingua universal, o seu auxilio material, subscrevendo-se como auxiliares, pois a sua cota minima de 1\$00, é tão insignificante, que está ao alcance de todos os bons bairristas. A sua comissão organizadora está trabalhando para a instalação de uma sede, que segundo suas esperanças, será inaugurada muito em breve.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:
Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias.

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

A FEITICEIRA

Em pequenino, ainda inexperiente,
A' minha santa mãe, com alegria
E bastante contente,
Gostava de escutar a fantasia
Que lhe acudia á mente.

Dizia certos contos em que fadas,
Tocando com varinhas de condão
Em coisas encantadas,
Davam vida, vigor, animação,
Das mais fantasiadas,

Ao que no mundo, inerte e sem vontade
Era apenas a marca dum feitiço,
Lançado por maldade
Duma ruim mulher que dava enგიუი
Por ter perversidade.

Descrevia, assim, de tal maneira
Quem era essa megéra arrepiante
Chamada feiticeira
Que, só mais tarde ao ler o grande Dante
Eu pude achar parceira.

Figura de hedionda compostura,
Velha, má, repulsiva, muito feia,
Essa tal criatura
Dava a visão da horrível morfeia
Que marca só agrura.

Assim me custumei a julgar horrenda
A material forma da figura
Heroina da lenda
Que, sendo má, não tinha formosura
Nem qualquer outra prenda.

.....
Ora, uma vez eu vi uma menina
De aspecto inebriante, encantador,
Beleza peregrina,
Que me parecien tam linda qual flor
De perfeição divina.

Alva como os jasmíns, ou como a neve,
Tinha um rosto seráfico de bela
Que bem não se descreve.
Era, enfim, um primor a tal donzela
Que fascinava breve.

Uma obra de solidariedade

Iniciamos hoje no nosso jornal, um movimento de solidariedade, para a compra de um aparelho, que acaba de ser receitado pelos médicos do Sanatório, á filha do nosso saudoso e querido amigo, Alfredo Machado, falecido há anos.

Todos os nossos prezados leitores que desejem auxiliar esta inditosa menina, podem enviar qualquer donativo para a nossa redacção, o que antecipadamente agradecemos.

Mas eu que sempre impávido fugi
De toda a sedução do Deus Cúpido,
Confesso que tremi
Ao ver-me dominado e vencido
Pelo que então senti.

A velha tentadora, a feiticeira
Dos meus remotos tempos de criança
Vi-a já doutra maneira;
Era formosa e bela como a esp'rança,
Que é risonha e fagueira.

Enamorei-me, achei-a divinal
E, pouco a pouco mais apreciando
Seu porte de vestal,
Notava que por fôrça a vinha amando
Dedicado e leal.

Depois, sem querer, por ela enfeitado
Dediquei-lhe uma tam grande paixão
Que foi, enfim o noivado
O remate feliz da sedução
Que me havia encantado!

Alexandre Settas.

Jardim Botânico da Ajuda

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, pedindo desculpa a Sua Ex.^a de só hoje o fazermos:

Ajuda, 4 de Junho de 1933. — Ex.^{mo} Sr. — Falta de saúde e muita occupação me têm obstado até hoje vir dizer a V. que vi e li no número último do jornal que V. tão proficientemente dirige, uma carta (?) do Ex.^{mo} Sr. Carlos de Sousa, em que este senhor tenta criticar as primeiras palavras do meu escrito por concluir. Admirou-me o facto, porque mais lógico seria esperar pela terminação do meu trabalho e opôr-lhe depois o que entendesse.

O Ex.^{mo} Sr. Carlos de Sousa (pessoa por quem eu aliás tenho a maior consideração) não o entendeu porém assim e preferiu escrever a «O Comércio da Ajuda» para eu ficar sabendo que S. Ex.^a não percebera os meus argumentos, pedindo-me que lhos explique melhor.

De melhor vontade.

Como porém foi só, felizmente, o Sr. Carlos de Sousa, de todos os leitores desse jornal, a única pessoa que me não compreendeu; porque bem vejo quanto «O Comércio da Ajuda» luta com falta de espaço; e como, sem proveito para ninguém, se tornaria enfadonho voltar de novo ao que já está dito, por outras palavras, embora; além de poder parecer que eu aceitaria, ou teria intuitos de estabelecer polémica, aproveito esta ocasião para dizer a S. Ex.^a que estou pronto a tentar esclarecer S. Ex.^a melhor, sempre que S. Ex.^a quizer, tanto mais que já há muito tempo travámos conhecimento, nos falámos quando nos encontrámos, tendo eu a certeza como tenho, de que S. Ex.^a anda nêste assunto, como eu, em absoluto de boa fé e com toda a lealdade.

Com estas palavras, que julgo necessárias, e pedindo desculpa do espaço que sou forçado a occupar rogo a V. me creia sempre, com toda a consideração, De V., etc., *Fredérico Gavazzo Perry Vidal*.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

GERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra: Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidad
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 313 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Por ocasião do terremoto pouco dano soffreu a casa nobre de Lázaro Leitão, que em 1767 estava alugada ao embaixador de França e em 1760 era moradia de D. João da Bemposta, filho bastardo do infante D. Francisco, irmão de D. João V.

Leitão a doou em 1766, isto é, um ano antes de morrer.

Depois, em 1774, a casa nobre passou a ser moradia dum fidalgo por nome José da Costa; e em 1780, de Gaspar da Costa Posser; em 1786, do capitão-mor Aires Carneiro Homem; em 1789, de Luiz Pinto de Sousa

A' história da casa de Lázaro Leitão anda ligado um triste episódio, que, pelos nomes dos personagens que nele tomaram parte, e pelo escândalo a que deu causa, entendemos dever relatar aqui ligeiramente.

Foi por uma das janelas dessa casa que, a 27 de Maio de 1803, saiu D. Eugénia José de Menezes, filha de D. Rodrigo José de Menezes, da familia Marialva, e mais tarde agraciado com o título de

Algun tempo depois foi o palácio dado de renda a um personagem que Lázaro Leitão designa nos seus apontamentos por Príncipe de Vebro, passando a seguir a ser habitada por D. João Cosme da Cunha, vulgarmente conhecido por Cardeal da Cunha, o qual, graças á amizade do Marquez do Pombal, foi em 1760 nomeado conselheiro de Estado, arcebispo de Evora, e, logo depois, regedor da Casa da Suplicação. Em 1768 era presidente da Real Mesa Censória, e, passados dois anos, cardeal e inquisidor geral.

A Ajuda de outros tempos

Coutinho (mais tarde Visconde de Balsemão), e em 1795, de Luiz António de Araújo.

Por morte do Dr. Rodrigues de Macedo, o depois de várias tricas nos tribunais, pertenceu a Casa-nobre a D. Rodrigo José de Menezes, que parece nunca a ter habitado, pois se sabe que, até 1807, foi moradia de seu filho D. Gregório, 2.º Conde de Cavaleiros.

Em 1809 alugou-a a D. António Luiz da Câmara Corte Real, monsenhor e depois Principal da Santa Igreja Patriarcal, falecido em 1861.

Em 1839 os bens de Lázaro Leitão foram postos em praça e arrematados por Caetana Maria Rosa, mas as casas estavam deveras arriuinadas, e em 1843 eram novamente vendidas a Manuel Joaquim da Costa e Silva. Postas outra vez em praça no ano de 1871, para pagamento de dívidas, arrematou-as o Barão de S. Deniz, Teotónio Borges Deniz, que pouco tempo depois fez venda da Casa-nobre a António Joaquim Ferreira, seu locatário por essa ocasião, o qual por seu turno a adjudicou em 1880 a Manuel Joaquim de Oliveira, conhecido pela alcunha de *Alpista*. Por morte d'este herdou-a sua filha D. Amélia Carolina da Conceição Oliveira.

Durante este último período a Casa-nobre teve vários inquilinos, e a capela estava então transformada em cocheira. Talvez, por efeito dessa profanação, havia entre o povo a creença de que na casa appareciam almas do outro mundo.

E ao falarmos deste homem, que alguns apodam de ignorante, apesar de ser possuidor duma notavel biblioteca; ao citarmos o nome deste ministro da religião, que em meio de requintada ostentação mais se entregava ás intrigas da politica do que ao exercicio do seu ministério, não resistimos ao desejo de deixar aqui vincada a enorme ingratidão de que deu prova para com Sebastião José de Carvalho. As honrarias de que este o cumulou pagou-as o cardeal ligando-se aos inimigos do grande estadista e impedindo-o de entrar na camara do rei, no momento em que este agonizava. Prevendo que o seu próprio prestigio terminaria com a queda daquella a quem tudo devia, não hesitou em o repolir publicamente, intimando-o a abandonar o Paço, e fazendo-lhe sentir com rudeza o final do seu poderio.

O Cardeal da Cunha viveu na casa da Junqueira até 1772, quando ella já pertencia ao licenciado António Rodrigues de Macedo, a quem Lázaro

Visconde de Cavaleiros.

D. Eugénia era dama da Princeza D. Carlota Joaquina, e contava apenas 22 anos quando se perdeu de amores — dizem alguns — pelo Dr. João Francisco de Oliveira, médico da Real Câmara e fisico mór do exército. Desgraçada paixão por um homem casado e mais velho do que ella vinte anos!

Quando a infeliz menina viu próximo o dia em que não conseguiria occultar as consequências daquelle amor tanto em segredo cultivado, a pretexto de doença que a impedia de exercer no Paço o seu lugar, retirou-se para casa de seu irmão D. Gregório, por esse tempo, como já vimos, morador na casa da Junqueira, de onde alguns dias depois, pelas 10 horas da noite, era raptada pelo seu amante, que, num navio previamente fretado, a conduziu de Caxias para Cádiz.

Alguns dias após a fuga saiu publicado um alvará em que a desventurada criatura é acusada de ofender o respeito e decoro do Paço, infamando o nome da familia. E o Príncipe Regente, no intuito de zelar o respeito devido á Casa Real e conservar íntegra a memoria e nobreza das familias illustres, amanda que a dita D. Eugénia seja riscada do título de dama, privada de todas as mercês e honras, e excluída da successão dos bens da Coroa e Ordens a que tinha ou possa ter algum direito. O utrossim, ordena que seja degradada da familia e casa em que nasceu, e de que ficará estranha por si e seus descendentes, se os tiver, para todos os actos de feito e de direito, sem poder succeder em heranças *ab intestato*, nem em vinculos e prazos familiares, como se houvesse nascido da inferior plebe, extintos todos os direitos de sangue.

O corregedor do crime recebeu ordem para proceder á respectiva devassa, e, em resultado dela, a Relação proferiu um ano depois o acórdão em

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefona 1. 329

Consultas médicas diárias

Servio nocturno ás quintas-feiras

Gratua Ajudense

TIPOGRAFIA PAPELRIA

com secção de Tabacaria Perfunria

Artilharia

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. 329

MERCEARIA CONFIANÇA

DE

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

ESTA coisa de veranear... Não sei se ao meu presado leitor (se porventura tenho algum leitor) lhe terá sucedido alguma vez ter de veranear para algumas das terras que os médicos recomendam a bem da saúde e das debilitadas energias... Mas noto que não digo veranear, mas «ter que veranear» o que é um pouco diferente — difere alguma coisa...

Veranear, é uma pessoa a tantos de Julho ou de Agosto fazer as suas malinhas e partir num bom auto a caminho de Curia ou Buçaco e ir findar depois nalguma praia elegante e luxuosa...

«Ter que veranear» é o sacrificio infinito que passa uma pessoa, que, como eu, se vê todos os anos na dura necessidade de tragar o martírio que constitui o termos de deixar as nossas comodidades habituais.

A nossa imaginação, sempre insatisfeita, lva-nos a idealisar venturas que julgamos os outros possuírem... Quando vamos num comboio e descortinamos por entre a ramagem verde do arvoredo o alvejar duma rústica e bocólica aldeia, apetece-nos exclamar:

— Quem dera viver ali!
Dirá o aldeão deslumbrado ante a velocidade do comboio correndo veloz para a cidade, que elle idealisa mas nunca viu:
— Quem me dera ir naquella comboio!

Pois os meus visinhos quando por uma manhã de sol me virem em mangas de camisa meter numa carroça os trastes indispensáveis para um estagio de veraneio, não se fiquem a pensar que vou passar umas férias descuidadas, felizes, onde tudo é riança e paz celestial... Componhem-se antes do que é um martírio os tempos que passo fóra, á imitação de qualquer burguês endinheirado.

E para não me julgarem exagerado ou pessimista, vou contar-lhes uns pequenos e verídicos episódios passados comigo um dia destes.

Em todos os anos vou veranear — mas dá-se comigo a circunstância especial de ninguém me perguntar se quero ou se gosto.

Aqui há dias (ereio que ainda não lhes tinha dito que tenho de me deslocar diariamente da terra onde me encontro ao escritório onde cumprio a obrigação daquella máxima tão portuguesa que diz «Quem não trabuca...») pois — como ia dizendo — aqui há

dias encontrava-me deglutindo a toda a pressa as primeiras engulidelas do almoço e já a camioneta a pouca distancia dava sinal que se aproximava. Procurava-se afanosamente por toda a casa o cordel para atar o meu lanche, visto ter apparecido por casualidade o papel para o embrulho.

Saído do escritório, toca de abalada a tomar o comboio que parte do Rossio ás tantas horas o tantos minutos... O tempo escassoia. As escadas que conduzem aos pisos superiores da estação são devorados aos quatro e quatro... E' só mais um lanço... a gare... o cais...

mais uma corridinha e tomei finalmente o comboio já prestes a entrar no túnel. Esfalfado por tão violento esforço deixo-me cair ofegante sobre um banco da carruagem. Então a fumaceira horrivel que enche o túnel extoica-me a plenos pulmões.

Oh! As delicias de veranear!

Já feito um pouco do cansaço entretenho-me na leitura dum jornal da tarde. Distraidamente puzera a ponta dum pé na extremidade do banco devoluto que me ficava em frente.

— Agora limpa a gente as calças ás patas dos outros! — diz um estafermo qualquer, muito alto e muito grande, com cara de poucos amigos.

— Se não vai ai bem vá prá primeira classe. Ora a besta! — retorquiu com aquella amabilidade que todos me conhecem. Lá se foi para outro compartimento, a resmungar por entre os dentes:

— Ora o caixa d'oculos.

O caixa-d'oculos era eu, que uso efectivamente uns interessantes objectos destes, montados no meu nariz, correcto e bem lançado.

Vem novamente a camionete, novamente os apertões, novamente... sei lá que mais! E chega-se ao fim do dia, esfalfado, sem vontade de comer e mais cansado do que se andasse todo o dia a quebrar cascalho ou rachar lenha! E, volvidos trez menses, vem a gente para Lisboa descançar então das canceiras do veraneio!...

— Não se arranja ainda um lugarzinho? — digo mastigando ainda os restos do almoço.

— Ainda cabe mais um! — E o homem da camionete empurra me para o meio de duas rijas saloias, que com o andamento do veiculo commoçam a fazer «azeite» com toda a sem-cerimónia. Era de uma pessoa so sentir asfixiado no entrechoar de toda aquella gente. A cada solavanco do carro sentia ranger-me o esqueleto, apertado naquella mole humana. O que vale é que não sou gordo — as minhas gorduras são bem comparaveis ás dum bacalhau (sem desdouro para o bacalhau).

Feito o transbordo, instalo-me com a comodidade que me é possivel nos duros bancos da terceira classe do caminho de ferro, entre uns senhores de aspecto muito sério. Eu sou obrigado a viajar permanentemente em terceira classe pela razão simples de, em Portugal, o caminho de ferro não ter ainda quarta.

Chegado a Lisboa é só enfiar-me no eléctrico e chegar ao escritório uma boa meia-hora depois da estabelecida para a entrada... E eis o súdário de todos os dias — mas se fosse só isso!... A' tarde repete-se pela ordem inversa, correcto e aumentado, o que succedera pela manhã. Mas eu continuo a contar, para que o leitor (se tenho algum leitor) não lhe fique a crescer água na bôca para algum veraneio — como o meu.

ca-ma a plenos pulmões.

Oh! As delicias de veranear!

Já feito um pouco do cansaço entretenho-me na leitura dum jornal da tarde. Distraidamente puzera a ponta dum pé na extremidade do banco devoluto que me ficava em frente.

— Agora limpa a gente as calças ás patas dos outros! — diz um estafermo qualquer, muito alto e muito grande, com cara de poucos amigos.

— Se não vai ai bem vá prá primeira classe. Ora a besta! — retorquiu com aquella amabilidade que todos me conhecem. Lá se foi para outro compartimento, a resmungar por entre os dentes:

— Ora o caixa d'oculos.

O caixa-d'oculos era eu, que uso efectivamente uns interessantes objectos destes, montados no meu nariz, correcto e bem lançado.

Vem novamente a camionete, novamente os apertões, novamente... sei lá que mais! E chega-se ao fim do dia, esfalfado, sem vontade de comer e mais cansado do que se andasse todo o dia a quebrar cascalho ou rachar lenha! E, volvidos trez menses, vem a gente para Lisboa descançar então das canceiras do veraneio!...

— Não se arranja ainda um lugarzinho? — digo mastigando ainda os restos do almoço.

— Ainda cabe mais um! — E o homem da camionete empurra me para o meio de duas rijas saloias, que com o andamento do veiculo commoçam a fazer «azeite» com toda a sem-cerimónia. Era de uma pessoa so sentir asfixiado no entrechoar de toda aquella gente. A cada solavanco do carro sentia ranger-me o esqueleto, apertado naquella mole humana. O que vale é que não sou gordo — as minhas gorduras são bem comparaveis ás dum bacalhau (sem desdouro para o bacalhau).

Feito o transbordo, instalo-me com a comodidade que me é possivel nos duros bancos da terceira classe do caminho de ferro, entre uns senhores de aspecto muito sério. Eu sou obrigado a viajar permanentemente em terceira classe pela razão simples de, em Portugal, o caminho de ferro não ter ainda quarta.

Chegado a Lisboa é só enfiar-me no eléctrico e chegar ao escritório uma boa meia-hora depois da estabelecida para a entrada... E eis o súdário de todos os dias — mas se fosse só isso!... A' tarde repete-se pela ordem inversa, correcto e aumentado, o que succedera pela manhã. Mas eu continuo a contar, para que o leitor (se tenho algum leitor) não lhe fique a crescer água na bôca para algum veraneio — como o meu.

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Façanhas, Retrazes, Resparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

A Excursão a Evora

Por estarmos aguardando alguns preciosos informes da Comissão de Iniciativa de Evora — organismo a quem está confiada a propaganda das belezas daquela curiosíssima cidade — e do jornal eborense «Democracia do Sul», que à nossa excursão prestam o seu valioso auxilio, ainda hoje não damos a conhecer aos nossos leitores os pormenores da organização e o programa do passeio. Reservamos, pois, para o próximo número.

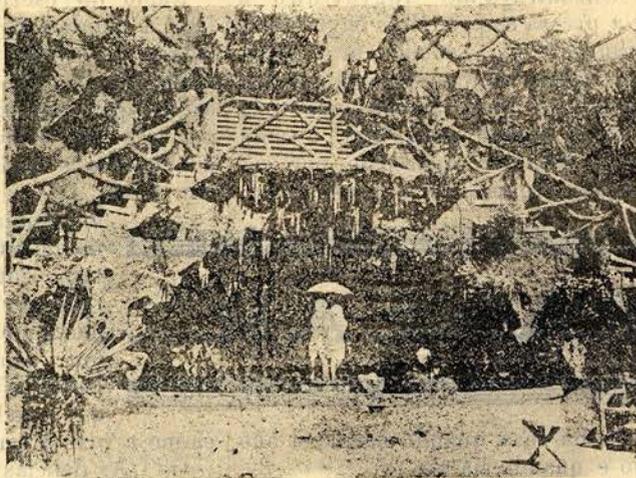
As inscrições têm aumentado sensivelmente, o que prova o interesse que a excursão tem despertado entre os nossos leitores.

Dentre estes, ha muitos que pretendem inscrever-se nas vespas do passeio, pagando a sua quota duma só vez.

Informamo-los de que aceitamos a sua inscrição nessas condições; deverão, porém, inscrever-se e pagar a sua quota até ao dia 15 do próximo mês de Agosto.

Devido á amabilidade dos dig.^{nos}

proprietários da excelente publicação «Album Alentejano», inserimos hoje mais um aspecto da lindíssima Quinta da Malagueira. Devemos por estes dias, receber mais algumas interessantes fotografuras, que iremos publicando em todos os números de «O Comercio da Ajuda». E' nossa inten-



ção, também, elaborar um pequeno roteiro-guia para orientação dos excursionistas.

O nosso colega «Ecos de Belem» referia-se, no seu n.º 37, muito lisongeiramente á excursão a Evora, promovida pelo nosso jornal, gentileza que muito sinceramente agradecemos.

AGUA! AGUA!

(Continuado da 1.ª página)

faça uma obra parecida com aquela que está fazendo o illustre engenheiro Ex.^{mo} Sr. Carlos Martinho, para abastecer o Bairro, que êle tem a honra de haver concluido e aperfeiçoado; e com água das nascentes da Serra de Monsanto ou do Alviela, ou talvez mesmo daquele poço que a Companhia do Gaz e Electricidade possui ali na Junqueira, cuja água a Companhia das Aguas já utilizou, e que agora está correndo para o Rio Tejo, senão toda, quasi toda, e que é um caudal que produz 400.000 litros por cada dia de 24 horas, e estará resolvido o problema da falta de água na Ajuda. Tudo o mais são paliativos.

Francisco Duarte Resina.

Almirante Antonio Rafael Pereira Nunes

É deveras emocionados que noticiamos aos nossos leitores o falecimento d'êste illustre oficial de marinha, que na passada quinta-feira foi vitima dum atropelamento.

Foi um dos grandes amigos do seu país, tendo desempenhado as funções mais honrosas. Tinha várias condecorações, destacando-se, dentre ellas, a Torre e Espada, Comenda da Ordem Militar de Aviz, Gran Cruz de Aviz, Medalha do Ouro de Comportamento Exemplar, Medalhas de Filantropia e Caridade, Medalha de Ouro das Campanhas do Exercito Português e Medalha da Victória.

O extinto, contava grandes simpatias no nosso jornal, associando-nos comovidamente à dor que neste momento, afflige a sua illustre familia, a quem enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mão e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primra qualidade, a preços razoáveis

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

A PRIMOROSA DA BOA HORA

SALÃO DE BARBEIRO E CABELEIREIRO

Primoroso serviço por pessoal habilitado

Travessa da Boa Hora, 57 — LISBOA

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 0 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gaxolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA**Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496**A Ajuda de outros tempos**

(Continuado da página 4)

que o réu José Francisco de Oliveira é condenado «a que, com barão e pregão, seja levado até ao lugar da fôrça, onde morrerá morte natural para sempre; e, visto estar ausente, o lão por banido, e mandam ás justias que apelidem contra êle toda a terra, para ser preso ou para que cada um do povo o possa matar, não sendo seu inimigo». E termina por ordenar a confiscação de todos os bens do réu para o fisco e Câmara Real.

O triste acontecimento produziu enorme escândalo na côrte e mesmo entre as camadas inferiores. Ferveram os comentários e não faltou quem accusasse o próprio Príncipe Regente de ser o pai da criança que D. Eugénia deu á luz em Cadiz, aventando alguns que o Dr. Oliveira era apenas um amigo dedicado sacrificando-se para salvar a reputação do verdadeiro autor do atentado, ou não passava de um cúmplice que interessadamente se prestava a desempenhar o odioso papel.

No livro donde extraímos estas notas, o Sr. Artur Lamas põe o seguinte comentário que julgamos interessante reproduzir:

«Nada mais revoltante do que a sociedade bruta e cruel, mascarar-se com a capa da Justiça e da Moral para poder exercer livremente a sua maldade. A infeliz D. Eugénia era, pode dizer-se, ainda uma criança que um homem arrastou para a desgraça; merecia, por isso, a maior das compaixões e todas as desculpas. A sociedade, porém, condenou-a, encheu-a de injúrias, maltratou-a e desprezou-a! Pobre criança!»

D. Eugénia, que em 1805 entrou no convento das Bernardas da Ordem de Cister, em Tavira, veio a falecer em 1818 num convento da mesma ordem em Portalegre. O Dr. Oliveira foi no ano seguinte ao Brasil, impetrar de D. João VI o perdão da sua culpa,

e o rei concedeu-lho por decreto de 15 de Abril de 1820.

Este acto de clemência do monarca, seguido da nomeação do Dr. Oliveira para encarregado de negócios em Londres, provocou novo escândalo, largamente discutido em várias gazetas do tempo. Isto, porém, não impediu que o antigo condenado á morte se evidenciasse depois na política, e que, tendo exercido o lugar de deputado, chegasse a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros... durante dois dias. Faleceu em 1829.

Diz-se que o filho primogénito do Dr. Oliveira se apaixonou pela filha de D. Eugénia; mas para que o seu casamento não constituísse um incesto, ou para que não viesse confirmar as suspeitas de que ela era realmente filha do Príncipe Regente, o Doutor entendeu conveniente perfilhá-la.

O que não sofre dúvida, em face de documentos existentes, é que D. Eugénia, apesar do alvará que tanto ultrage lançou sobre o seu nome, recebeu sempre, até á sua morte, uma pensão anual de um conto de réis, saída do real bolsinho, o que bem demonstra a especial protecção que a desventurada merecia do monarca.

Alfredo Gameiro.

Beneficencia Particular

A Comissão de Beneficencia e Banhos da Freguesia da Ajuda, composta pelos srs. Antonio Lopes Marques, Antonio Vicente de Sousa Lopes, Basilio Joaquim Ribeiro Jr., Gregorio António da Silva Couto, Jeremias Augusto, José Alves Guimarães, José Ramos Seta, Manuel das Neves, Manuel da Costa e José Antonio Taveira promove no próximo dia 28, no Salão Portugal, um espectáculo cinematográfico cujo produto se destina a custear as despesas com os banhos ás crianças das escolas da nossa freguesia.

Exibir-se-ão, nêsse espectáculo, os magnificos filmes «A Canção do Bandido» e «Anny Kiki».

Já pela excelencia do programa, já pelo fim á que se destina o produto do espectáculo, é de esperar que o bom povo da nossa freguesia encha no dia 28 o Salão Portugal, auxiliando a Comissão promotora da festa no seu generoso empreendimento.

Os bilhetes estão á venda nalguns dos principais estabelecimentos da Ajuda.

Nomenclatura de Ruas

Lemos no relato da sessão camarária de quinta-feira, 13, a designação dada a duas ruas da cidade, que não achamos bem, e por isso ousamos pedir a quem superintende nessas coisas, o seu esclarecimento.

Uma é aquela que deu o nome de *Silva Porto* a uma rua do Casal da Porciuncula, visto que já existe outra com o mesmo titulo, aqui na nossa freguesia, e já são demais as ruas com o mesmo nome, na mesma cidade.

Ele é a Rua das Amoreiras, aqui e á Praça do Brasil; é a Rua da Paz, á Ajuda e a Santa Catarina; é a Rua do Meio, em Ajuda, na Charnéca, na Lapa e em Santa Izabel; é a Travessa do Alecrim, na Ajuda e no Monte Pedral, etc., etc.

A Rua *Silva Porto* que existe aqui em Ajuda, é dedicada á memória do grande patriota, explorador e negociante em Africa, onde morreu, emquanto que aquela, julgamos ser dedicada ao não menos grande pintor *Silva Porto* falecido há poucos anos e bem merecedor de tal homenagem. Mas se assim é, como julgamos, o seu nome deve ser precedido dum adjectivo que as diferencie.

A outra, é a que deu o nome de *Dr. Rodrigo de Sousa* a uma rua da nossa freguesia, ali no casal dos Ossos. Se este nome se refere, como julgamos, ao falecido médico *Dr. Rodrigo Afonso Alves de Sousa*, que aqui exerceu clinica durante muitos anos, e que foi um Bom, em toda a acepção de palavra, cujo funeral foi uma grandiosa manifestação de pesar do povo das três freguesias circunvisinhas — Ajuda, Belém e Alcântara — achamo-la bem merecida, lamentando que lhe destinadassem uma artéria de tão apoucado futuro, e que não tenha o nome que elle adotava e pelo qual era conhecido: *Dr. Alves de Sousa*.

Se estamos em êrro, desculpem-nos

F. D. R.

**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}**

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18**AJUDA — LISBOA**

TELEFONE BELEM 517

A VENCEDORA MERCERIA, CARVOARIA E VINHOSDE **Alberto Ribeiro de Carvalho**

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licores e seus derivados. Completo sortido em generos de merceria.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)Sucursal: **Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)**

Club de Football "Os Belenenses"

Promovido pela Direcção deste simpático Club desportivo, realiza-se hoje, pelas 21,30 horas, na sede do Belém Club, um interessante sarau de homenagem aos seus consócios Ex.^{mos} Srs. João Luiz de Moura e António Maria Ribeiro. Nêsse momento, será também feita pela Di-

Bicho Homem, por Raúl Gonçalves. *Marçanos*, por Augusto Leote e grupo.

Amendoeirias, por D. Maria Teresa. *Maluco*, por Manuel Lúcio.

Operas baratas, por Georgina Gil, Alberto Anahory, Carlos Rei e Jaime Correia.

Tango, por D. Maria Teresa e Francisco Menezes.

Dia d'anos, por Carlos Rei.

Pat e Patachon, por Alberto Anahory e Augusto Leone.

Desfile, por D. Maria Batalha e côro.



O valeroso grupo de honra do «C. F. Belenenses», campeão de Portugal. — Fotografura gentilmente cedida pelo nosso brilhante colega «Os Spor s.»

recção, a entrega aos componentes do *team* de Honra de football, que jogaram a final do Campeonato de Portugal e a Augusto Silva, duma recordação.

A ordem do programa é a seguinte:

PRIMEIRA PARTE

Bailado, por Alberto Anahory, Edmundo Sanches, Francisco Menezes e Jaime Correia.

Graxas, por D. Maria Batalha, acompanhada por um grupo de meninas.

SEGUNDA PARTE

Sessão solene de homenagem aos Ex.^{mos} Srs. Tenente-coronel João Luiz de Moura e Comandante António Maria Ribeiro.

TERCEIRA PARTE

Bailado, por Alberto Anahory, Edmundo Sanches, Francisco Menezes e Jaime Correia.

Mercado de Belém, por D. Maria Batalha.

A Direcção do Club campeão de Portugal, pede-nos para participarmos aos seus associados, que a entrada para esta festa, é regulada pela apresentação do cartão de identidade.

O *Comércio da Ajuda* associa-se sinceramente á homenagem da direcção do popular club aos seus prestimosos consocios, arquivando nas suas colunas a fotografura do seu grupo de honra.

Agradecemos a gentileza do convite recebido.

PROTESTAMOS

Várias pessoas se nos têm queixado, chamando a nossa atenção para o que se passa nalguns *ateliers* de modista, existentes na freguesia, pois não só desrespeitam o horário de trabalho que é uma lei do país, como obrigam o seu pessoal a fazer grandes serões, não lhes pagando condignamente.

Há muito tempo que começaram a aparecer na nossa redacção várias cartas referentes a êsse facto, mas como não vinham assinadas, daí o motivo porque lhe não fizemos referência.

Hoje, porém, bem informados, verificamos que tudo do que então nos comunicaram, é infelizmente verdadeiro.

É necessário, que tal estado de coisas termine, e que haja mais um pouco de humanidade.

SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

Dia 22 — *Alô Paris, daqui fala Berlim e O Desfiladeiro do Diabo*

Dia 23 — *Mater Dolorosa, O Desfiladeiro do Diabo, No País dos Paraós e Casamento na Aldeia*

Dia 24 — *Trader-Horn, Tiros Mágicos e Luvas de Box*

Dias 26 e 27 — *O Pecado de Madelon Claudet e O Pai Celibatário*

Dia 28 — Festa de beneficencia com os filmes *A Canção do Bandido e Anni Kiki*

Dias 29 e 30 — *Tarzan (o homem macaco)*

Dia 31 — *Maré de Sorte e A Leste da Ilha de Bornéo*

Dia 1 de Agosto — *Maré de Sorte e A Leste da Ilha de Bornéo*

Dias 2 e 3 — *Viagem de Nupcias e outros filmes*

Dia 5 — *A Filha do Regimento e Um Homem sem nome*

MATINÉE do dia 23 — *O homem das barbas, O deserto encantado, O desfiladeiro do diabo e Casamento na aldeia*

MATINÉE do dia 30 — *Tarzan (o homem macaco), Esposa de ocasião, Pobre infeliz, O gato e o rato e Prazer da pesca*

Preços populares: Balcão 1.^a fila, 2\$50; Balcão, 2\$00, 1.^a Plateia 1\$50; 2.^a, 1\$00
Todos os lugares são numerados